

Ambrose Bierce: os múltiplos retratos

Regina Carvalho

REPÓRTER, s. Colunista que tateia o seu caminho até a verdade e a dispersa numa tempestade de palavras. (Bierce, n'O Dicionário do Diabo)

Ambrose Bierce, famoso jornalista e escritor, nasceu no interiorano estado de Ohio, nos Estados Unidos, em 1842, e morreu – acredita-se – no México, onde tinha ido para se juntar às tropas de Pancho Villa, e assim cobrir a revolução, talvez em 1914. Até 1913 teve-se notícias dele. Em 1914 foi considerado desaparecido. Alto, loiro, bonito e, segundo ele mesmo, muito bem dotado pela natureza (jocosamente dizia que jamais tirava as roupas na frente de uma mulher, para não assustá-la...), Bierce foi um jornalista extremamente ácido, subcategoria bastante popular e numerosa naquele país da América do Norte. Sua obra ficcional, permeada pelo fantástico, coloca-o, segundo os críticos, ao lado de Edgar Allan Poe e H.P. Lovecraft. Sua obra jornalística e O Dicionário do Diabo em particular, por seu pessimismo, acidez e ceticismo, sem nenhuma crença no ser humano, colocam-no ao lado de Hawthorne, Melville e Poe (outra vez!), que partilham com ele essa cosmovisão amarga. E pode-se supor que o termo amargo designe, aqui, apenas uma visão realista, tornada ácida pelo testemunhar de uma guerra entre irmãos – e participar dela pelos mais nobres motivos, mas nela deixá-los todos, esses

nobres motivos, mortos e enterrados. Isso Bierce declarou muitas vezes, das mais variadas formas.

Já tinha ouvido falar em Ambrose Bierce, mas nada me despertara aquela curiosidade especial a respeito dele – aquela curiosidade que nos faz ir atrás de suas obras e de relatos sobre sua vida. Lembro de ter pensado, ao ouvir como o interlocutor, um jornalista amigo, se manifestava sobre ele: “como os jornalistas gostam de mitificar alguns da própria espécie...” Dei uma risadinha lá com meus botões, e ficou por isso mesmo. E então assisti a Gringo Velho¹, filme com Jane Fonda e Jimmy Smits, no qual um velho Gregory Peck faz brilhantemente o papel do velho jornalista à beira da morte, mas jamais covarde, jamais desistindo, em busca sempre de uma utopia – ou do mínimo indício de uma utopia – que lhe satisfizesse o desejo de um mundo melhor. Na vida real, esperava encontrá-la na revolução de Pancho Villa e foi no México que veio a morrer, não se sabe bem como, quando ou onde. No relato de Carlos Fuentes, a ficção vai resolver este enigma, e cobrir uma das possibilidades de final para Bierce. Numa hacienda tomada pelos rebeldes, ele vai testemunhar a luta interna do filho bastardo do fazendeiro, herdeiro da fazenda ocupada, entre se tornar proprietário e repetir sua (digamos) linhagem, ou continuar a seguir Villa

1 O filme, *Gringo Viejo*, foi produzido por Jane Fonda, fã ardorosa do livro. Ela mesma interpretando a protagonista, o roteiro enfatiza o romance entre ela e o belíssimo ator de origem mexicana Jimmy Smits (uma pasteurização do Tomás Arroyo, mexicaníssimo). Tal ênfase não ocorre no livro.

2 Ken Parker nº. 50, *Histórias de Soldados*, dos contos de Ambrose Bierce. Adaptação e roteiro de G. Berardi. Desenhos de I. Milazzo, R. Polese, G. Trevisan, C. Ambrosini. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1982.

3 As falas estão repetidas exatamente como estão no texto original, inclusive com um ou outro deslize gramatical. Absteve-me do [sic] habitual, para não atrapalhar a leitura.

na revolução. Bierce acompanha este desesperado emaranhar, é sua testemunha, descreve-o. Mas não desiste de crer na sua possibilidade. Não aceitaria nunca a desilusão desta busca que nos foi passada, aos brasileiros, pelo modernista Manuel Bandeira: “Que céu pode satisfazer teu desejo de céu?”

Mas em Fuentes há uma tese subjacente, perceptível mesmo entre as risadas condescentes das personagens mexicanas .quando falam do americano: o gringo velho veio ao México para morrer. Alegoricamente, analisam-se as relações México-Estados Unidos, de uma maneira que nos faz pensar... e em seguida sorrir com uma certa tristeza cínica, coisas de Bierce, mas que em alguns pontos lembram que estamos longe daqui, aqui mesmo. Junto com isso, entremeadas no texto, frases de Bierce, idéias de Bierce, um intertexto mais ou menos perceptível, pois vai depender de traduções diversas e acumulativas.

Com o tempo, fui acompanhando as referências a Bierce pelo que ocasionalmente me veio às mãos, inclusive uma versão quadrinizada de suas *Histórias de Soldados*, trabalho feito pelos excelentes autores italianos da série Ken Parker ². Neste exemplar, o de número 50, Ken Parker tem um entrevero com Bierce, logo no início, por causa de um cervo em que ambos haviam atirado ao mesmo tempo, na discussão de quem o teria matado e, portanto, seria seu proprietário (eram outros tempos, com outras urgências e outra ética, é evidente). Descobre-se, ao retirar a bala – apenas

uma, de início – do animal, que ele pertencia a Bierce, que se propõe a dividi-lo com o novo conhecido, de cuja índole não tem mais suspeitas. Assim, se entendem, se ajudam mutuamente, e conversam ao redor da fogueira, na longa noite do sertão... No decorrer da narrativa, Bierce vai encantando Parker com alguns de seus contos, sem no entanto jamais deixar que este conte alguma de suas experiências: Um cavaleiro no céu, Aconteceu na Ponte de Owl Creek, Morte em Resaca [sic] e Parker Adderson, Filósofo. São histórias retiradas da experiência do jornalista na guerra (serviu no 9º. Regimento de Indiana, no Exército da União, onde se alistou um pouco antes de eclodir a Guerra da Secessão), e temperadas pelo horror, fantasiado de fantástico, das situações limite em que a guerra coloca as pessoas. De brinde, ainda, uma aula de literatura, na página 36, cujos balões vou transcrever aqui, sob a forma de diálogo.

Após ouvir a relato de Um cavaleiro no céu, em que o filho, servindo no exército nortista, acaba matando o próprio pai, fazendeiro sulista, para salvar os companheiros de regimento, Ken comenta:

-Diabos, um fato como esse pode perturbar a vida de um homem! É uma história real ou fantasia?

E Bierce responde:

-Uma coisa e outra. Um escritor tem como meta o verossímil, não a realidade!

E continua:

-Dos acontecimentos reais se ocupa o cronista ou no máximo o historiador. O escritor, ao invés, serve-se dela como ponto de partida, mas depois transcende a íntima essência numa matéria mais universal.

-Acho que não entendi, lamenta Ken.

-Quero dizer que a reprovação ao assassinato de um soldado pode dilatar-se até se tornar uma condenação para a própria guerra!, ensina Bierce.

-Um pouco como os pintores que, através das imagens de uma árvore, conseguem comunicar a idéia de toda a natureza!, testa Ken Parker.

-Exato, aprova Bierce.

-Mas, algumas vezes, a realidade supera em muito a fantasia. Lembro-me de um episódio durante as minhas primeiras experiências de guerra..., contribui Parker.

-Eu, ao contrário, digo que a fantasia pode tornar-se mais real que a própria realidade! E posso demonstrar isso. Já ouviu falar da ponte de Owl Creek, no Alabama?

Pode-se observar que a discussão sobre a questão verdadeiro/verossímil, ficção/não ficção, sintética mas magistralmente posta, de interesse permanente para a Teoria da Literatura, serve de apresentação para a história seguinte, a qual vai exemplificar os pontos colocados. O mesmo mecanismo vai servir para a ligação entre este primeiro conto curto de Bierce e o segundo. De novo transformo os balões em diálogos, para facilitar a compreensão e ser fiel à sua exposição no texto dos quadrinhos, nas páginas 66, 67 e 68.

A primeira fala é de Ken Parker, comentando o que foi narrado pelo novo amigo:

- Sem querer ofender, recordam-me um pouco os contos de um bostoniano, um certo Edgar Allan Poe, diz.

A isso, Bierce apenas ri:

-Poe é o mestre de todos nós e não há nada de que deva ressentir-me. Em qualquer campo onde se opera, sempre haverá os 'filhos' de alguém, especialmente quando se atravessa as chamadas 'atividades artísticas'.

Tal colocação faz Parker indagar:

-Bem, mas onde fica a criatividade do autor?

-A criatividade, no seu significado de fazer do nada é um termo que se adapta a Deus, não ao homem. O tão louvado 'processo criativo' é, na realidade, uma simples associação de idéias, filtrada através da própria sensibilidade, da própria capacidade expressiva.

-E as idéias, de onde vêm?

-Do conhecimento, que é a elaboração das nossas experiências, da nossa cultura... Em outras palavras, daquilo que lemos, vemos, ouvimos e experimentamos...

-Então, um escritor deve forçosamente basear-se naquilo que foi produzido anteriormente!

-Claro. A originalidade não está na matéria que se trata, mas no "modo" como se trata! Do contrário, que sentido teria continuar a escrever depois das obras de Homero e Bíblia?... Na realidade, nós continuamos a reescrever aquelas histórias, adaptando à nossa sensibilidade e à dos nossos tempos!, explica Bierce.

Ao que Parker comenta:

-Uma tese fascinante! Agora que penso nisso, também os grandes inventores não fizeram outra coisa senão colocar junto muitas pequenas invenções, segundo uma lógica deles!

E Bierce acrescenta:

-E o mesmo aconteceu na música, na pintura e em qualquer outra expressão humana! Mas, naturalmente, o público não deve sabê-lo, ou se perderia aquele halo mítico criado – sim, no sentido de ‘feito do nada’ – para os habituais motivos comerciais!

-Criado por quem?

-Oh, um pouco por todos. Agentes, editores, críticos, mercadores de arte.”

Como se pode ver, uma boa descomplicação daquilo que os teóricos complicam tanto, na sua tentativa de aprofundar o máximo possível o que sabem sobre o tema. Aparentemente, tanto o estilo de Bierce quanto suas idéias são tão claramente reproduzidos em seus textos e no dicionário, que em todos os formatos em que seu retrato é posto não se vai observar nenhum desvio relevante do que tenha sido e do que tenha pensado, tanto o jornalista quanto o escritor. O homem, mesmo complicado e amargo, deixa transparecer a preocupação pelos semelhantes e a piedade por eles – apesar de tudo.

Na verdade, os variados retratos de Bierce, quanto mais variados se apresentem mais convergem para um mesmo e compartilhado retrato, o do Bierce consagrado e mitificado pela mídia – mais ou menos um estereótipo de sua figura e de sua atuação. E se perde, de um modo geral, aquele Bierce que tem condições de sucesso de público, que é o autor das histórias de terror, no Brasil apenas encontradas em uma edição da Record de 2000 de suas Visões da Noite. Justamente, como notou Ken Parker, os contos que lembram os de Edgar Allan Poe...